

HA occasiões em que as idéas fluctuam, por assim dizer, no ar, tanto no campo scientifico como no litterario. E' commum verificar-se a descoberta de um planeta simultaneamente por dois astrónomos, factos semelhantes verificando-se com as invenções, com as especulações chímicas, biológicas ou de outra qualquer natureza. E' que os avanços da civilização não são productos deste ou daquelle cerebro isolado, mas conquistas do espirito humano. Onde o homem se julga creador, não é mais do que um instrumento do genio da especie. As mesmas influencias, no espaço e no tempo, que actuaram sobre o cerebro de um para a concepção de uma idéa, actuaram sobre muitos outros e dahi talvez as coincidencias que tanto extranhámos e que muitas vezes pôdem ser erroneamente classificadas de *emulação*, *imitação* e até mesmo *plagio*.

Aqui ha uns tres annos publiquei no "Correio da Manhã", entre as minhas primeiras producções litterarias, no supplemento" então dirigido pelo espirito de escol do Raul Brandão, um conto intitulado "O extracto da alma", que, occupando todo o texto da primeira pagina, ia terminar noutras.

A acção se desenrolava no anno de ... 3.001, num ambiente phantastico. O leitor lá all deparar uma civilização estapafúrdia em que haviam triumphado as varias utopias sociaes e estheticas que agitam a nossa época e o protagonista não passava naquello meio extranho do mera curiosidade anthropologica. Poucas semanas depois o sr. Berlio Neves, numa revista carioca, iniciava uma serie de contos nas mesmas circumstancias e com coincidencias interessantissimas que me faziam crer num desenvolvimento intelligente da minha idéa. Pela mesma época mais ou menos, no Pará, segundo consta dum livro que tenho presente, o sr. Fernando Castro lançava á publicidade o conto "No anno de 2.028". O que nos assombra em tudo isso é a profusão de *coincidencias*: os mesmos detalhes, as mesmas circumstancias, as mesmas deducções.

Essas reflexões faço-as agora ante o livro do sr. Fernando Castro, a título de pura curiosidade. Devia ter o sr. Fernando uns dezoito annos de idade e só agora vim conhecê-lo pessoalmente, recebendo-lhe ao mesmo tempo o livro com uma dedicatória amavel.

Apesar de ser o autor muito moço, o seu livro não é o que por ali chamam livros "modernos" simplesmente porque não ha livros "modernos" ou "antigos", ha simplesmente bons ou maos estylos. O sr. Fernando de Castro é dos que não acreditam em milagres. Para elle a arte ha de ser sempre um producto do talento conjugado ao esforço e á cultura e ainda ao sacrificio e é por isso que, lendo o seu livro, sinto qualquer coisa que subjuga e fascina. Sento-se-lhe em todas as paginas que o autor tem a preocupação de *ser* e não de *parecer*. Não procura impressionar os basbaques com pyrotechnia barata. Os seus personagens não são titeres, mas vivem e palpitam nesse tumulto de paixões que se chama sociedade. Nello a originalidade não é synonymo de extravagancia, nem producto da preocupação doentia de ser original. A originalidade vive por si, independente da preocupação do autor, por lhe ser uma faculdade congenita.

Se nalgum contos a idéa ainda se perde nos meandros dos periodos peculiares á juventude, noutros, provavelmente as ultimas producções, vemol-a resaltar viva, maleavel, materializada, por assim dizer, com toda a sua pujança expressional.

Quanto á forma é um livro fraco, não resta duvidas. O autor o escreveu demasiadamente cedo, numa phase quasi embryonaria do desenvolvimento intellectual. Mas sente-se em todo elle, como um traço característico e uniforme, essa "quo" mysterioso, essa força endogenica propulsora que conduz os predestinados aos páramos radlosos das grandes conquistas. Atravez da lente cor de rosa da juventude o autor já sabe ver e discernir as formas do mundo objectivo e um humorismo velado paira sobre todo o livro. A sua ironia é uma ironia quasi britannica, sem azedume nem asperezas; o seu riso nada tem de espalhafatoso nem chocante.

Falando a proposito do feminismo:

"... sempre tive a volleiidade de pleitear a alforria da mulher do proximo. Sou solteiro..."

Tem o senso do valor descriptivo e da propriedade das palavras:

"Adão deitava-se em decubito dorsal, coçava o ventre e dormia."

Sabe caracterizar com dois traços magistraes. Descrevendo o paralisso:

"As arvores tinham flores vermelhas e frutos maduros."

Caracterizando a ausencia de preocupação do viver paradisiaco e de uma conclusão o clareza extraordinarias:

"Dormia um somno de justo. Despertava no outro dia: era domingo ainda". O Jehovah do seu livro é um grande deus e um deus grande:

"Um vasto claro no firmamento deixava passar a cabeça de Jehovah."

É tambem pilherico:

"Não vês que estamos nus, Senhor?"

Jehovah sacudiu a cabeça e, a custo, contendo o riso, coçava as barbas brancas. Fingindo-se encolerizado e dando-se ares de austeridade, deixou escapar um traço altisono que foi ecoando pelas quebras das do pago edenico:

— Maldictos sejaes, filhos perjuros. Fugi das minhas vistas! e, recolheu-se ao Céu, rindo desbragadamente, rindo, rindo, a bom rir."

De mais bem poucas vezes se vê um livro parecer tanto com o seu autor. No livro como fóra d'elle, o sr. Castro é sempre o mesmo homem.

É expressão é sempre medida, meditada, o seu riso authentico é o mesmo riso que lá deparamos, um sorriso discreto, sem exaggeros nem espalhafatos, o seu humorismo, palestrando nada tem de caustico nem de mordaz. Tudo bem equilibrado nesse joven belletrista. Com respeito ao vernaculo, afóra alguns descuidos de revisão, não encara a D. Grammatica á maneira dessas nullidades eminentes que se *rebellam* e reproduzem a eterna fabula da raposa e das uvas. Para elle a D. Grammatica merece todos os respeitoos devidos a uma senhora idosa e de boa familia.

Acha que revolução em arte ao envez de evolução é o maler contrasenso, porquanto nós somos do nosso tempo como Cainões fol do d'elle independentemente da nossa vontade.

Dentro do livro, como fóra d'elle, a sua idiosyncrasia nada tem de pessimista ou amargo. Não tem nenhuma pretensão a destruir bastilhas ou inverter a ordem cosmica. Não. Para elle o mundo é isso mesmo que está ahí; a vida, essa mesma fantochada que assistimos ennojados ou divertidos, apenas deveria ser um pouquinho melhor.

Os seus personagens são, antes de mais nada, profundamente humanos.

Aquella incomparavel D. Alice, com a sua *candidez*, é simplesmente impagavel.

O sr. Fernando deve proseguir, deve continuar. Nada lhe falta: Talento, esforço, imaginação rica e protelforme.

Eu, que não creio em critica litteraria, que detesto o elogio mutuo, sinto-me, perfeitamente de accordo com as minhas convicções, na obrigação de vir publicamente encorajal-o, estimulal-o. E' que, apesar do profundo antagonismo que nos separa no modo de cada um de nós encarar as coisas, ha algo que nos une, nos approxima, solidariza e identifica: — O sonho.

Epaminondas Martins